

Ermanno Allegri
Padre e Diretor da Adital

Padre, homem e comunicador: a simplicidade que faz de um *cabeça dura* um lutador cuja fé não vacila

Ermanno Allegri é alto. Os cabelos brancos ainda exibem uma esmaecida lembrança da cor que possuíram. O corpo é forte e o rosto jovem, apesar dos anos passados, das experiências vividas, das pessoas que conheceu e, de alguma forma, o marcaram. Mas o traço físico mais característico de Ermanno Allegri são as faces sempre coradas, como as de quem correu uma maratona, as de quem se irritou, as de quem enrubesceu por timidez, as de quem veio de longe... As faces rosadas denunciam imediatamente o forasteiro. Se não o fizessem, o sotaque, que ele não conseguiu perder mesmo depois de 35 anos longe de casa, trairiam a nacionalidade italiana.

A voz é firme e a fala, às vezes enrolada, transmite as idéias que ele elabora com clareza, com prática. Ermanno Allegri, o homem, o padre, o comunicador, é um contador de histórias que faz as vezes de narrador e personagem enquanto descreve os caminhos que já trilhou, as situações que viveu, as pessoas que conheceu... A memória, que às vezes lhe falha quando precisa daquela palavra em português – “qual é o nome? Eu esqueci” – faz questão de lhe permitir lembrar cada diálogo. E ele os interpreta com a desenvoltura de um ator.

Sim, ele também é dramático, teatral. O sorriso e o suspiro são capazes de traduzir da forma mais sarcástica o que lhe passa pela cabeça. A inquietude dele o faz quase pular da cadeira, na qual sentará bem na ponta, como se estivesse prestes a se levantar em um ímpeto de empolgação. A fala, forte, defendida com paixão, será marcada ao compasso dos nós dos dedos que a mão impulsiona contra

a mesa. Pôu pôu pôu! Mas Ermanno Allegri também é capaz do riso solto, o riso frouxo de quem se diverte com as próprias lembranças.

Padres também riem, também se emocionam, também lutam! Ele luta para ser ouvido. A Igreja, mãe e madrastra, ele desafia constantemente com os ideais de liberdade, justiça e igualdade. Ele é um progressista. A sociedade, desigual e preconceituosa, ele modifica a passos de formiga, fazendo sua parte com força e paciência. A teimosia, tão dele, o ajuda a manter o passo firme. Ele é um sonhador. À comunicação, imprecisa e tendenciosa, ele dá o exemplo de como a mídia pode e deve ser livre. Ele é um comunicador e comunica a todos que quiserem ouvi-lo.

O padre Ermanno, que veio ao Brasil para fazer algo de útil pela sociedade, luta para que as comunidades nas quais trabalhou e trabalha vejam cumpridos os seus direitos. As armas dele são a fé, a coragem e o amor. Amor pela vida e pelo próximo, seus irmãos, que prega em igrejas e capelas simples, de bairros simples, para pessoas simples com suas vidas simples, em uma missa simples, sem pompa e sem espetáculo. Mas como a simplicidade pode ser bela!

Nessa Igreja de espetáculo ele já não acredita. Os pés dele estão na terra e não no altar. As mãos que eleva em oração também seguram a mão do próximo e as mãos do próximo estão sujas de terra. Ele é da terra! É da terra e crê no Céu, crê em Deus, crê no homem. A fé dele não vacila, porque quando Ermanno Allegri olha na cara das pessoas, dentro de seus olhos, de suas casas, de suas vidas, é impossível vacilar.

Ficha Técnica

Equipe de Produção:
Amanda Sampaio
Camila Gadelha
Monyse Ravena

Texto de abertura:
Ana Carolina Nogueira

Participação:
Amanda Sampaio
Ana Carolina Nogueira
Camila Gadelha
Camila Queiroz
Monyse Ravena
Thiberio Fonseca
Waldenia Márcia

Fotografia:
Arihel Marreiro

30 30 09 10 10



Entrevista com Padre Ermanno Allegri, dia 21 de maio de 2009.

Amanda – O senhor começou os estudos no seminário muito novo. Teve alguma coisa na sua infância que o motivou aos estudos no seminário?

Padre Ermanno – Bom, na infância não temos muitas idéias claras. Entrei no seminário (*porque*) gostava de estudar, eu fui coroinha, comecei a ser coroinha com sete anos. Então, existia uma certa simpatia por esse ambiente, mas sem muitas idéias claras. A idéia de ser padre mesmo veio depois dos 20 anos. Comecei a pensar um pouco na vida, no que eu queria fazer e o sentido que tinha uma presença como padre dentro da sociedade. Mas praticamente a minha decisão de ser padre coincidiu com a decisão que eu tomei de sair da Itália, ir pra África, pra América Latina, pra qualquer canto. Acabei vindo ao Brasil. Mas coincidiu com essa idéia de fazer alguma coisa um pouco mais útil do que ficar lá, levar adiante o tipo de Igreja que hoje eu não aceito mais. Uma Igreja que é supermercado. Você vai, paga, tem missa e pronto. É claro que naquele tempo (*eu*) não tinha as idéias que tenho hoje, mas todas as idéias, as atitudes da gente, as práticas vão amadurecendo, se motivando sempre mais, se ampliando.

Monyse – Já na sua juventude no seminário quais as leituras que o senhor mais lembra, as que lhe influenciaram mais a essa decisão tanto de ser padre como essa opção de sair da Itália?

Padre Ermanno – Sempre fui provocado pelas coisas difíceis, gostava dos desafios talvez, mas havia um autor que era um francês, Raoul Follereau (*Jornalista e poeta – 1903/1977*), que era uma pessoa que estava dedicando a sua vida aos leproso. Mas é interessante uma coisa: que ele não era o cara que ia lá ajudar o leproso, mas ele queria questionar a sociedade a partir dos leproso. O título do livro que eu quase aprendi de cor (*risos*) era “*Se Cristo Amanhã...*” (*livro de Raoul Follereau escrito em 1975*) Pontinho, reticência. E depois dentro completava o título dizendo: “*Se Cristo amanhã batesse a sua porta você saberia reconhecê-lo?*” Esse seria o título completo. Nesse livro ele questionava muito a questão de ser cristão e não saber reconhecer Cristo hoje. Sei que esse livro me ajudou bastante a pensar o sentido da vida. Também (*ajudou na decisão*) de ser padre não no sentido de simplesmente repetir aquilo que está sempre acontecendo, fazer o que sempre se faz. E depois eu gostava muito de ler revistas, artigos, eu lia romances, também gostava de ler romances. Mas aquilo que mais me motivava para a leitura era esse tipo de revistas e artigos que colocavam sempre uma certa... Como dizer? Te colocava um pouco na parede. Quando uma pessoa te chama pra decidir, pra tomar uma posição. Acho

que isso foi um dos motivos principais, de fato, que me motivaram a ser padre e vir para o Brasil.

Thiberio – O senhor falou da questão de reconhecer o Cristo hoje. Como é que esse Cristo se representa, como é que se reconhece esse Jesus Cristo hoje?

Padre Ermanno – Olha, tem uma página na Bíblia, no Evangelho, que para mim é uma das páginas fundamentais, que é o capítulo 25 de São Mateus (*discípulo de Jesus e autor do primeiro Evangelho*) que apresenta como é que Deus vai julgar o mundo. O apóstolo descreve o fim do mundo, todo mundo vai ficar lá pertinho de Deus e ele vai chamar (*e dizer*): “Eu estava com fome, vocês me deram de comer; Eu estava com sede, eu estava doente, eu estava nu, estava na cadeia...” (*refere-se aos versículos 35 e 36*) Quer dizer, hoje, essas palavras que o apóstolo usa, nós poderíamos substituir com muitas outras palavras. Não sei se vocês sabem o que é Medellín (*II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano – Medellín – 1968*), Puebla (*III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano – Puebla – 1979*). Essas grandes reuniões da Igreja, dos bispos da Igreja Católica da América Latina, são momentos interessantes, importantes como, inclusive, esse que aconteceu aqui no Brasil em Aparecida (*V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano – Aparecida – 2007*). Mas em Medellín há uma página que talvez seja a melhor (*que retrata isso*). E tem um autor que faz músicas para grupos de Igreja, Zé Vicente (*Cantor, compositor, poeta e ecologista*), aqui do Ceará... A música (*que ele canta*) diz: “Seu nome é Jesus Cristo e passa fome, seu nome é Jesus Cristo e está doente, seu nome é Jesus Cristo e vive nos meretrícios, seu nome é Jesus Cristo...” (*Zé Vicente é interprete da música Seu nome é Jesus Cristo, baseada no texto de Mateus 25, 31-45*) É uma adaptação daquela página do Evangelho à vida de hoje. E no documento de Aparecida há também um texto muito interessante parecido com isso. Só para vocês terem uma idéia o que isso significa pra mim: um dia encontrei uma pessoa que foi ver a Paixão de Jesus Cristo... Onde é? Caruaru? Que fazem aquela... É Caruaru? Nova Jerusalém! Toda aquela encenação, um atrativo turístico fantástico! E, quando essa pessoa voltou, me contou: “Ah, foi fantástico! Eu comecei a chorar na primeira estação e chorei a via sacra toda até o fim.” Quando ele falou assim eu perguntei (*risos*): Mas e daí? Ele falou: “Daí o quê?!” Bom, você mudou de vida por causa disso? “Por que devo mudar (*retrucou a pessoa*)?” Quer dizer, você chora (*ênfase*) quando vê o que aconteceu com Cristo há dois mil anos atrás, (*mas*) você não sabe chorar por aquilo

Ermanno Allegri nasceu no dia 23/07/1944 na inesquecível cidade de Romeu e Julieta, Verona, na Itália, mas mudou-se ainda criança para Bolzano.

O convite para participar da Entrevista foi feito na sede da agência de notícias Adital onde padre Ermanno ocupa a função de diretor executivo.

A produção levou edições da revista para o entrevistado conhecer o projeto e, atenciosamente, colocou a edição que contém a entrevista do Frei Betto bem em cima.

O nome do padre Ermanno foi sugerido por Amanda e Camila Gadelha que mais tarde integrariam a equipe de produção.

Camila Gadelha jurava conhecer o padre Ermanno até o dia em que a produção foi fazer o convite para a entrevista e ela percebeu que tinha feito confusão entre os padres.

A produção só conseguiu fazer uma curta pré-entrevista com o entrevistado, já que em seguida ele viajou para a Europa e só retornou perto do dia da entrevista.

que acontece hoje. No Evangelho está escrito mil vezes: "O que vocês fazem ao último nesse mundo é a Mim que o fazem" (*referência à Mateus cap. 25*). Se na Igreja hoje se entendesse o significado desta presença de Cristo nas pessoas precisaria mudar tudo radicalmente, 180 graus, porque não se pode pensar que esse Jesus Cristo veio para formar um grupo que se encontra pra rezar, pra cantar e pronto. Pra isso não precisava de Jesus Cristo. Tanto que se faz isso sem ele. Veio fazer o quê se veio só pra isso? Mas depois se nós pensarmos: o que fez esse Cristo? Morreu por quê? (*Bate no braço da cadeira*) Não morreu de velhice na rede com alguém que abanava ele afastando as moscas. Ele morreu novo. Agora, o perigo pra mim sempre quando se fala dessas coisas é (*que*) dentro da Igreja existe esse pecado muito grave que nós espiritualizamos tudo. Se espiritualiza e não se entende que a vida é concreta, real, aqui e agora. O fato de espiritualizar, de colocar o espírito nas coisas é diferente de espiritualizar pra subir acima das nuvens. São duas coisas completamente diferentes. A espiritualidade é uma das coisas fundamentais para uma pessoa. Eu lembro a pergunta que faziam no catecismo: "Por que Jesus morreu?" Vocês responderiam o quê? (*silêncio na sala*)

Padre Ermanno – Por que foi que morreu?

Waldenia – Para salvar o mundo.

Padre Ermanno – Pronto. Era exatamente isso que eu também respondia. Mas eu me pergunto: salvou o quê? (*silêncio*) O que está salvo? Salvou nada! Primeira coisa quando se pergunta por que, o porquê pode significar causa. Causa no sentido (*de*) qual foi a causa pela qual ele morreu. Por que foi que morreu? Morreu de doença, morreu de pancada, morreu de quê? E finalidade... Finalidade! Por que (*ênfase*) da finalidade? Então, essa resposta que eu aprendi, e que qualquer um dá essa resposta, o que significa? Significa que você vê na pessoa de Jesus Cristo aquele que veio pra te levar pro céu. Eu não tenho receio de que Deus prega isso. Não é isso que me preocupa. Eu faço bem às pessoas que eu puder não é pra ir pro céu, não me interessa. A pessoa precisa porque a pessoa é humana e pronto, e acabou a conversa. Que Deus vai dar o céu isso é lógico! Deus não é um carasco.

O que foi que levou Jesus Cristo a ser assassinado? A gente esquece que Jesus foi assassinado. Inclusive uma das falhas do documento dos bispos aqui do encontro em Aparecida foi essa. Colocaram Jesus Cristo muito *light* (*risos*), parece que ensinou um monte de coisa boa, fez um monte de coisas interessantes, mas foi andando, pronto,

"Reino de Deus é uma sociedade nova, justa, igualitária, diferente, uma sociedade em que as pessoas se respeitam, em que as pessoas são valorizadas."

depois morreu, ressuscitou. Que bom *né*? Inclusive, não explica o sentido da ressurreição. As pessoas irão ressuscitar lá para o fim do mundo. Mas esse por que pra mim é importante porque ajuda a entender as causas históricas, e a Igreja tem medo (*ênfase*) de olhar a história, a realidade, e vendo as causas históricas você vê as causas históricas hoje, por exemplo, quando o Papa (*Bento XVI - Joseph Ratzinger, alemão. Foi eleito como o 266º Papa em 2005*) fala algumas coisas tem gente que contesta forte, lá na Europa também. Eu fui agora lá (*Europa*) e o pessoal falou: "Ah, o papa está (*sendo*) perseguido." Se você fala uma besteira não significa – se alguém te fala contra – que quem te fala contra está te perseguindo. Talvez diga a verdade, talvez esteja certo. Então, a causa que motivou a morte de Jesus Cristo foi o quê? A vontade dele de construir, começar a construir aquilo que ele chamava o reino de Deus. O que é reino de Deus? Reino de Deus é uma sociedade nova, justa, igualitária, diferente, uma sociedade de paz, uma sociedade em que as pessoas se respeitam, em que as pessoas são valorizadas, é tudo aquilo que – não sei se vocês sonham com isso, espero que sim – a gente sonha, no sentido bom da palavra sonhar. Sonhar não quer dizer dormir, mas tudo aquilo que a gente sonha (*ênfase*) é a sociedade que Cristo queria construir.

Waldênia – O senhor citou Medellín há pouco tempo e em Medellín a Igreja na América Latina decidiu ter uma identidade diferente da Igreja européia. Em que essa identidade se diferenciou?

Padre Ermanno – São radicalmente diferentes. Às vezes eu vou pra Itália, tive agora (*na Europa*), me chamaram lá para um congresso, me pagaram a viagem... Mas você percebe uma radicalidade tão diferente. Eu entrei em três igrejas na Espanha, uma foi no domingo em que o padre saiu, começou a missa, fez o cântico, fez a primeira leitura, depois a segunda leitura, depois leu o Evangelho, fez a pregação, leu as preces comunitárias, fez tudo (*com ênfase*). Lá onde estava o padre não subiu ninguém (*ênfase*). Não, perai... As minhas missas lá no bairro (*refere-se à comunidade Pôr-do-Sol, localizada entre os bairros Paupina e Santa Rosa, onde atualmente celebra missas*) com a bagunça, cachorro que entra, pontapé, são uma maravilha em comparação. Em outras duas igrejas que eu entrei, (*em*) uma havia doze pessoas, uma igreja *enorme*, bonita, artística e (*na*) outra sete pessoas. Por exemplo, na Europa, nunca no fim do ano as comunidades fazem encontros para avaliar o que se foi feito e programar o que se vai fazer. Por quê? Não precisa fazer, já sabe o que deve fazer (*ironia*). Quer dizer, é um tipo de esquema, de prática que vem (*há*) não sei quanto tempo e é sempre a mesma coisa. As dificuldades que o pessoal lá tem de entender qual o significado da Igreja, dos trabalhos da Igreja aqui na América Latina, no Brasil em particular, é uma dificuldade enorme. Eu às vezes explico, falo, converso, às vezes brigo, mas me canso de conversar e, bom, as pessoas fiquem com a sua que eu fico com a minha.

A diferença fundamental o que é? Eu falo de uma Igreja da América Latina que procura esse caminho, esse *graaande* caminho que o espírito de Deus colocou na América Latina de uma Igreja que entra na vida, na sociedade, nos problemas e faz

Durante o processo de produção da entrevista foi criado um arquivo chamado "Tudo sobre o padre Ermanno", que chegou a ter 150 páginas.

A produção conversou com o padre Luis Sartorel. Ao chegar, as meninas da produção foram logo explicando melhor o motivo da conversa e o projeto da revista.

um caminho para construir um mundo novo, um mundo diferente. O Fórum Social Mundial (*espaço de debate e articulação de movimentos sociais, ONGs e outras organizações da sociedade civil que se opõem a qualquer forma de imperialismo*) diz: outro mundo é possível. Essa Igreja se você comparar com aquela, o que é aquela (*européia*)? É a manutenção de uma série de práticas, de vivências, até boas não digo que está errado não, mas, você não sai da igreja. Pra mim, é impressionante ver como o pessoal da Igreja lá na Europa fica dentro da igreja, quer dizer, o que acontece lá fora quase que não se percebe.

Camila Queiroz – Medellín deliberou também que a Igreja deveria fazer uma opção preferencialmente pelos pobres. O senhor acha que essa opção está sendo cumprida?

Padre Ermanno – Olha, em parte. Eu diria ainda uma pequena parte (*risos*). Gostaria que fosse uma escolha da Igreja como um todo. Nós temos declarações bem claras que esse é o caminho da Igreja da América Latina, e se alguém quer também uma autoridade que fala isso, bom, é o que foi escrito lá em Medellín: a escolha preferencial pelos pobres. Quando veio o papa (*Bento XVI*) inaugurar a Conferência aqui em Aparecida (2007) havia muito (*ênfase*) receio que a presença dele fosse para abafar tudo definitivamente, porque o papa anterior (*João Paulo II - Karol Wojtyła, polonês, 265º Sumo Pontífice da Igreja Católica. Teve o terceiro papado mais longo da história do catolicismo, de outubro de 1978 até abril de 2005*) fez um estrago na América Latina. Na América Latina ele abafou muito o trabalho... Abafou Conferência Episcopal... O Espírito Santo é mais forte, (*risos*) nós sobrevivemos. Mas, quando veio esse papa visitar o Brasil o receio era este: que viesse pra abafar definitivamente.

E, veja, aconteceu o contrário. Quando ele fez o discurso de abertura da Conferência, fez a declaração que a Igreja da América Latina deve continuar na escolha preferencial pelos pobres, deve trabalhar dentro da linha que nós chamamos Teologia da Libertação e deve ter uma espiritualidade – são três linhas muito bonitas pra espiritualidade –, uma espiritualidade que nos leve a entrar na vida, na história, que a espiritualidade que nos leva fora da vida não é espiritualidade. Essa escolha preferencial pelos pobres acho que é aquilo que fez Jesus Cristo, não tem outra coisa. Quando Ele começou lá em Nazaré, a primeira vez que se apresentou em público, ele pregou aquele texto de Isaías (*profeta que mais falava sobre a vinda do Messias para a terra*), onde diz: “Deus me enviou anunciar a Boa Nova aos pobres, libertar os oprimidos, dar a vista aos cegos...” É, vamos dizer, a programação que Jesus Cristo apresentou: “Olha, eu estou aqui pra isso.” E quando São João Batista (*apóstolo de Jesus e quem o batizou nas águas do Rio Jordão*), que era uma cabeça dura, vocês sabem o que é isso... Uma vida dura que ele tinha, ele estava na cadeia porque xingou o Rei Herodes (*rei da Judéia entre 37 e 4 a.C.*). Ele (*João Batista*) manda dois discípulos (*ao encontro de Jesus Cristo*). Então os dois vão lá e dizem: “Ó, senhor, João Batista nos mandou pra pedir (*pra saber se*) é você (*pausa*) o Messias que esperamos ou você é um dos profetas e devemos esperar por outro?” Jesus não fala sim ou não. Ele

responde com aquelas palavras do profeta. Cristo diz: “Vocês vão e voltem a João Batista e digam (*que*) os cegos enxergam, os pobres recebem uma boa nova, os sofredores...” Quer dizer, responde com aquelas palavras. Não tem dúvida sobre esse tipo de escolha de Jesus Cristo. Então, se trata de ver, como falamos antes, quem são hoje esses pobres. As categorias humanas que existem hoje pode ser que mudem de acordo com a sociedade. Na Europa com certeza é diferente, e aqui, né... Mas pelo amor de Deus, as Igrejas não podem se sentar e simplesmente ficar numa série de cultos.

Monyse – Medellín coloca também além da opção pelos pobres, a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base como marca da identidade latino-americana, isso em 68. A partir daí como é que essas três marcas se efetivaram?

Padre Ermanno – Quando você fala Teologia da Libertação, eu diria que é como um grande guarda-chuva debaixo do qual acontece todo esse tipo novo de trabalho. Por exemplo, quando em 1974 nasce a Pastoral da Terra (*Comissão Pastoral da Terra – CPT*), aliás, 75, já tinha começado antes o CIMI, Conselho Indigenista Missionário. Antes, tinha começado as Comunidades Eclesiais de Base. É um tipo de caminho que a Igreja faz que mostra esta presença de Deus no meio da sociedade latino-americana do jeito que é: oprimida, explorada, sofredora, etc.

Quando começam as Comunidades Eclesiais de Base, o que eram? Era pregar a palavra de Jesus Cristo, não só o padre que prega lá ao jovem, mas para as pessoas. Vamos sentar nós quatro aqui (*gesticula como reunindo um grupo*), vamos ler essa palavra de Deus, o que é que Deus quer falar com a gente hoje? Ele fala pra minha vida, pra ser bom, ótimo, maravilhoso, mas também me ajuda a entender que: “ó, olha lá fora.” Bom Samaritano! Todas as atividades que ele faz são em favor das pessoas marginalizadas, aos leprosos, as mulheres, as prostitutas, aquelas categorias que eram desprezadas. Com esse evangelho normal, esse que foi o perigo (*risos*) entre aspas para certas pessoas. Por quê? As pessoas simples, humildes que até ontem não falavam, não contavam nada começam a se reunir, começam a pensar, começam a programar o futuro, começam a se organizar não só como Comunidades Eclesiais de Base, mas como grupos que vão reivindicar direitos. Antigamente as CEBs

“uma igreja que entra na vida, na sociedade, nos problemas e faz um caminho para construir um mundo novo, um mundo diferente.”

Depois de escutar as explicações, padre Luiz fez logo uma brincadeira: – Ah, já entendi! Vocês vieram aqui fofocar para fazer umas perguntas picantes pro Ermanno!

Durante a conversa padre Luiz foi questionado sobre a infância de Ermanno, o que o fez lembrar que quando crianças brincavam de Zorro.

Na adolescência padre Ermanno teve bastante contato com a natureza. No período que tinha férias do seminário viajava “mochilando”.

Depois de conversar com o padre Lino e o padre Luís, as meninas da produção ficaram sonhando em poder entrevistar os três irmãos padres.

Devido ao forte sol de Fortaleza, padre Ermanno tem uma pele rosada, o que levou as meninas da produção a se referirem carinhosamente a ele como o "padre rosa".

Desde que chegou a Fortaleza padre Ermanno já morou dez anos no Genibaú, três anos no Tancredo Neves e desde janeiro de 2009 mora na Cofeco.

eram talvez uma força mais evidente, hoje é menos. Por quê? Porque a sociedade cresceu.

De Medellín pra cá isso tudo foi se fortalecendo e a coisa interessante que podemos notar, também uma diferença fundamental da Europa, são as pastorais sociais que nasceram aqui na América Latina, aqui no Brasil em particular. Eu trabalhei muito na Pastoral da Terra, fui inclusive coordenador nacional, mas, para nós, (*em*) todas as pastorais sociais era lógico, era praxe (*ênfase*) trabalhar com qualquer grupo da sociedade organizada que tivesse a mesma finalidade, mas sendo que a Igreja não é aquela que deve dirigir os trabalhadores rurais, os operários... O que nós fazíamos? Ajudávamos onde não havia organização nas classes trabalhadoras a se organizar.

Quando eu estava na Diocese de Bom Jesus da Lapa (*município da Bahia, situado a 796 km da capital*) lá no interior da Bahia... Nós chegamos lá em 1974, eu digo nós porque estava com outros amigos padres. Cheguei em janeiro, em dezembro fundaram o sindicato dos trabalhadores rurais (*que*) foi o primeiro sindicato da região. A gente nem sabia bem o que era ainda, mas, apesar disso, veio a Polícia Federal em casa. Bom, mas, quando nós saímos de lá dez anos depois nós havíamos conseguido fundar sindicatos em todos os municípios com a Pastoral da Terra. As CEB's e essas pastorais sociais da Igreja aqui no Brasil trabalhavam junto da sociedade civil. Já se tinha sindicatos, associações, depois começaram a se estruturar os partidos, ong's, movimentos populares, sociais, mas se trabalhava sempre junto (*bate na mesa seguidas vezes*), porque tem uma finalidade de construir alguma outra sociedade, eliminar tanto sofrimento, opressão, marginalização... Então, por que eu não trabalho com outras pessoas que querem a mesma coisa? E a gente trabalhava com ateus, com "safados de comunistas de antigamente" (*risos*), nem sabia, nem me interessava saber a que grupo pertencia. A finalidade desse trabalho é se colocar de fato a serviço da pessoa, de uma categoria e fazer com que essa categoria cresça. Por exemplo, os partidos o governo fechou, a ditadura (*ditadura militar, de 1964 a 1985*) fechou. A Igreja eles não podiam fechar. Quem colocava os juizes era o ditador, era o presidente. Agora, quem coloca o bispo não é o ditador. Quem coloca o vigário em uma paróquia não é o prefeito, não é o governador. Quer dizer, a Igreja se tornou um espaço, eu lembro muito bem disso, que você trabalhava junto com pessoas que você sabia que eram de grupos clandestinos, sabia um monte de coisa mas ninguém falava porque não era oportuno falar. Mas, na medida em que essa sociedade foi se construindo, inclusive com

Durante uma troca de emails sobre conflitos de terra na Bahia, Camila Gadelha troca a palavra "guerrilheiros" por "guerrilheiros" sendo motivo de muitos risos.

A reunião de pauta para a entrevista teve de ser feita em um sábado à tarde. Para deixar a reunião mais agradável Amanda levou seu bolo cookies!



várias ajudas também de setores da Igreja, a sociedade foi se tornando autônoma. Sindicato não dependia da Igreja, partido não é partido de Igreja e agora acho que isso hoje é evidente, a Igreja não está à frente de nada. A sociedade é um leque tão amplo por isso que certas posições políticas eu não agüento mais nem ouvir falar, porque parece que a sociedade está toda encaixotada, de esquerda, mas encaixotada. Não. A sociedade é pluralista. Quando o evangelho fala que você deve ser como fermento, fermento ninguém enxerga mas ajuda a fermentar, não precisa enxergar...

Camila Gadelha – Uma das resoluções da Conferência dos Bispos de Aparecida foi que a Igreja precisa mudar as estruturas. Pro senhor, quais seriam essas mudanças?

Padre Ermanno – Óooo meu Deus do céu! (*risos de todos*) Só tudo! (*risos*) Olha, tem algumas estruturas que são básicas. Primeira coisa: o exercício da autoridade. A estrutura mais fixa no mundo com relação à autoridade é a Igreja. Quantos séculos que existe paróquia, existe o vigário que manda e desmanda, que existe o bispo, que existe o papa... E o papa anterior disse uma vez que tem de mudar o jeito do papa ser papa. Ele que falou, não fui eu! O exercício da autoridade é terrível porque isso leva a controlar não só a estrutura, mas, o que é pior, controlar a consciência das pessoas. (*silêncio*)

A Adital (*Agência de Notícias Frei Tito para América Latina e Caribe*) está em frente a Prefeitura (*Na avenida Luciano Carneiro*), a gente vê com uma certa frequência grupos que chegam lá com cartazes, som e vai lá, grita, berra, não sei o quê... Vocês viram alguma vez acontecer isso com um bispo? Ou com um vigário de uma paróquia? Fazer uma manifestação contra, vocês já viram isso? Nós fizemos uma vez, acho que uns sete, oito anos atrás, quando os bispos demitiram do Seminário da Prainha (*Instituição fundada em 1864 para a formação de padres, religiosos, religiosas e leigos. Hoje abriga o Instituto Teológico Pastoral do Ceará*) três ou quatro professores porque eram padres que casaram. Veio uma ordem lá do Vaticano dizendo (*que*) os padres casados não podiam lecionar em institutos de Igreja. Então foram demitidos. (*bate as mãos e suspira*) Pronto.

Ana Carolina – O senhor acha então que existe uma clandestinidade de idéias, de posições dentro da própria Igreja?

Padre Ermanno – Essas posições são bem claras, não são nem clandestinas. O autoritarismo é claro. Professores? Os melhores como professores (*ênfase*), também como pessoas do ponto de vista humano. Você demite só porque são padres casados, mas... (*indignação*)

Ana Carolina – Mas os membros da própria Igreja que são contra uma posição oficial da Igreja têm liberdade pra se expressar, têm autonomia?

Padre Ermanno – Se não tem a liberdade, basta tomar a liberdade. Você sabe que quando tem uma autoridade que decide uma coisa está decidido. Agora, depende do nível de consciência das pessoas, do nível de organização, se opor também é autoridade. Nós conseguimos derrubar uma ditadura, pelo amor de Deus! Nessa oportunidade muitos padres casados... Eu não fui sozinho lá, mas começamos a telefonar um pro outro, fizemos uma

vigília no Seminário da Prainha naquela capela foi uma maravilha, uma coisa fantástica! E passou lá gente de tudo que era grupo e centro de igreja, ficamos lá de sete horas até quase meia-noite.

No dia seguinte havia reunião dos bispos, então nós fomos ao lugar onde os bispos estavam. A gente trabalhava com esses bispos no dia-a-dia. Fomos lá onde tinha reunião da regional do Ceará... Não estavam lá! (*bate no braço da cadeira*) Fugiram pra onde? Nós sabemos onde é que eles estavam. Foram num lugar lá perto do Pici que *nuunca* na vida tinha feito uma reunião lá (*bate no braço da cadeira*). Fomos e dissemos: "Ué, mas vocês se escondem da gente?! Nós ontem trabalhamos o dia todo, ontem fizemos todas as agendas..." Quer dizer, foi uma pressão (*bate as mãos*) até que retiraram o decreto todo. Os padres que tinham casado voltaram a ser professores e estão lá até hoje. Então, essa primeira coisa autoritária. Segunda coisa: vocês mulheres. (*suspiro*) As mulheres não sabem brigar. Sabem brigar tanto na vida e não sabem brigar na Igreja. Por que (*ênfase*) a mulher, por exemplo, não pode ser ordenada padre, não pode ser uma coordenadora de uma comunidade, por quê? Eu desafio qualquer um a me dar motivos sérios pra dizer que não pode. Por que pode fazer tudo nesse mundo e não pode ser uma coordenadora de uma comunidade? Outra coisa dentro da Igreja... (*risos*) Bom, tem tantas. A presença de um padre em uma comunidade, a formação, por exemplo, desses padres é um desastre hoje. No sentido que te coloca na cabeça que você é a pessoa importante da comunidade, que você é uma pessoa de respeito, que você não sei o quê... Às vezes, em relação aos padres, deixa eu dizer isso, existe um servilismo quase das pessoas. Com o padre você deve ter coragem de brigar, pelo amor de Deus! Decidir as coisas em conjunto.

Thiberio – Com relação a essa questão do CELAM (*Conselho Episcopal Latino-Americano*) das reuniões e dos documentos que são feitos, o senhor consegue traçar um perfil do futuro da Igreja na América Latina? Essa igreja caminha para essa mudança?

Padre Ermanno – Bom, já está mudando, né? Agora, eu não gosto de traçar perfil, sabe por quê? Porque o perfil você vai construindo. Se a gente trabalha hoje, você tem um perfil de amanhã. Quando você recebe uma pancada, na hora pode ficar tonto, mas depois você tem de pensar que daí, se você acredita nesse tipo de igreja – que foi isso que Jesus Cristo fez –, que as pessoas hoje devem ter alguém que fica lá com elas ou que caminha com elas... Você inventa, você pensa como agir, como fazer isso. Se na sociedade tem gente que pensa, que se preocupa, vai procurar uma solução. Então nascem as ONG's, nascem as pastorais, nascem revistas. Hoje, nascem sites, blogs porque você quer encontrar uma solução. Então, o perfil da Igreja da América Latina eu acho que é o perfil da sociedade que nós construímos.

Eu fico um pouco triste quando digo isso. Por quê? Quem acompanha um pouco a história da América Latina vê que hoje é diferente de 20 anos atrás, de 30 anos atrás. Então, o que isso significa? Significa que teve gente de igreja, de sindicato, de ONG, de Movimentos Sociais que trabalhou para



construir este momento. Queremos continuar, queremos ir *beeeem* mais além do que alcançamos até hoje. Agora, a tristeza quando você vê que nesse momento, por exemplo, os setores hierárquicos – e esse é o trabalho que João Paulo II fez – os setores hierárquicos da Igreja, uma boa parte recuou. Se retirou! (*ênfase*). Disseram: "Não, agora a sociedade vai por conta dela, não quero mais saber disso". Peraí! Você também pertence ou não a essa sociedade? É diferente a presença que nós deveríamos ter como igreja hoje. O Grito dos Excluídos (*conjunto de manifestações populares realizadas próximas ao dia 7 de setembro*), 1º de Maio (*Dia Mundial do Trabalho*). Esses momentos, assim... Vamos juntos, é claro. O perfil, quero que seja construído aqui... E vamos construir sempre. Por acaso construímos uma coisa, sentamos (*e dizemos*): "Ah, que bom! Construí um bom perfil da Igreja". Aí que você tá lascado. Amanhã tem que reconstruir de novo.

Camila Queiroz – A Teologia da Libertação é uma corrente da ala mais progressista da Igreja e a gente sabe que já foi bastante criticada tanto pela Igreja como pela mídia. Hoje, de certa forma, ela está ali como se tivesse no esquecimento por parte da mídia e dessa ala mais conservadora da Igreja. O que mantém acesa a chama desse pensamento progressista da Igreja? O que faz com que as pessoas continuem se norteando pela Teologia da Libertação?

Padre Ermanno – Olha, eu quase briguei semana passada com um amigo que disse: "Vocês falaram tanto de Teologia da Libertação, agora acabou, né? Ninguém fala mais". Aí eu disse: "Ó, coitado! (*risos dele e da turma*) Você está por *foora*." Hoje tem 50 Teologias da Libertação. A Teologia da Libertação, qual é a essência dela? É dizer: nós devemos procurar viver cada qual na sua situação, sabendo que Deus fala, Deus quer ressuscitar vida em todas as situações que existem. Essa que chama Teologia da Libertação, que pregava o discurso geral de libertação, o que acontece? Se tornou um rio que se divide em muitos córregos. Hoje nós temos a Teologia da Terra. Por que Teologia da Terra? Porque o lavrador vive da terra. E a terra e a sua presença na terra, o jeito dele se relacionar com a terra, com os outros lavradores que trabalham na terra é a mediação para eu chegar a Deus. Existe a Teologia Operária. Existe a Teologia Gay, que poucos sabem, mas existe. Existe a Teologia da Mulher. Existe a Teologia Negra. Por que tantas Teologias? "Mas Deus não é só um?" Sim, mas é nós que somos diferentes. É nós que precisamos de um discurso diferente para eu chegar a entender o que esse Deus me fala e ver como eu posso e devo agir para essa famosa

A reunião de pauta contou com uma pessoa a menos do grupo de entrevistadores. Por conta da chuva, Waldênia não conseguiu chegar a tempo.

Durante a produção, Padre Ermanno viajou para os E.U.A. e Europa bem na época da "gripe suína", o que gerou bastante preocupação na equipe de produção.

Quando padre Ermanno voltou, a equipe de produção tentou buscar várias informações para saber do bem estar do seu querido entrevistado.

A produção foi até o bairro do Genibaú para conversar com algumas pessoas que haviam convivido com padre Ermanno quando ele morou e trabalhou no bairro.

A produção conheceu a Associação Dom Helder Câmara e teve uma surpresa ao encontrar um grande mural pintado no muro da Associação.

O mural "Trem do Genibaú" conta os dez anos em que os irmãos padres moraram no Genibaú e as lutas realizadas nesse período.

sociedade que Deus quer, o Reino de Deus. Hoje nós temos as (*ênfase*) Teologias da Libertação. Tanto é melhor que hoje não precisa menos... Precisa Teologia e Libertação, ou, também, Cristianismo e Libertação... Então, as pastorais sociais, da terra, dos operários, dos indígenas, das mulheres... Essas pastorais sociais são o Cristianismo que você vive para construir liberdade, para construir sociedade nova, para construir pessoas que cresçam como filhos e filhas de Deus, como cidadãos.

Camila Gadelha – O senhor acha que a Teologia da Libertação aponta para algum sistema político?

Padre Ermanno – É, sim e não. Tinha um padre que morreu lá na Venezuela, padre Ives, que ele dizia: "Mas vocês não vêem que o que o Hugo Chavez (*Hugo Rafael Chávez Frías, militar presidente da Venezuela desde 1999*) tá fazendo é pura Teologia da Libertação, aplica os princípios da Teologia da Libertação?" Ele tinha razão. Pra quem conhecia a Venezuela anterior, Chavez, da noite para o dia mudou radicalmente essa coisa da Venezuela. Mas eu não posso dizer que a Teologia da Libertação diz que Chavez é um filho de Deus, não. Fora que quem fala isso é a direitona, né? Você sabe que o Berlusconi (*Silvio Berlusconi, Primeiro ministro da Itália*) na Itália se apresentou como o ungido de Deus. Bom, eu digo sim, porque tem certos princípios que você vê claramente que os governos, vamos chamar progressistas, que existem hoje na América Latina, alguns mais de esquerda, outros menos, aplicam aquilo que nós queremos que de fato aconteça. Eu li, não sei se ontem, antes de ontem (*Entrevista realizada em 21 de Maio de 2009*), que, apesar da crise geral que existe no mundo, o Brasil, nesses meses, reduziu a pobreza. Então, como é que você pode dizer que isso não é positivo? Que tem 40 milhões de pessoas que estão com a barriga cheia quando 10 anos atrás estavam de barriga vazia?

Camila Queiroz – Então o senhor acha que esses governos de esquerda na América Latina têm se mantido fiéis às suas proposições de ser de esquerda?

Padre Ermanno – Bom, aqui é uma questão política muito séria. Eu posso dizer que sim dentro de uma realização histórica. Realizar historicamente uma bandeira de luta é complicado. Reforma Agrária já! Eu lembro como fosse agora. Lula (*Luís Inácio Lula da Silva, ex-sindicalista e presidente do Brasil desde 2003*) disse a João Pedro Stedile (*economista, militante social, um dos fundadores e membro da direção nacional do Movimento dos Trabalhadores*

"Lula disse a João Pedro Stedile: 'João Pedro, quando o PT chegar ao poder, nós vamos fazer a Reforma Agrária em uma canetada' Cadê a Reforma Agrária?."

Durante a entrevista, o mural foi citado. Padre Ermanno ficou surpreso e disse não saber da existência do mural "Trem do Genibaú".

A produção estava muito curiosa para assistir a uma missa celebrada pelo padre Ermanno, mas tinha dúvidas se ele ainda estava celebrando missas.

res Rurais Sem Terra (MST)): "João Pedro, quando o PT chegar ao poder, nós vamos fazer a Reforma Agrária numa canetada". Eu lembro essas palavras exatamente: "Uma canetada". Cadê a Reforma Agrária? Aqui entra todo um discurso político que é bem complicado. No sentido de dizer : o que é que é possível fazer e o que não pode fazer? Quer dizer, às vezes, quando nós falamos de governos, até de esquerda na América Latina, eu acho que nós não temos claro quem está do outro lado, a força de fogo que está do outro lado. A "direitona" – empresários, banqueiros, toda essa cambada aí, né?

Amanda – Padre Ermanno, no começo a gente falou sobre a escolha do senhor pra vir para América Latina. E dentre tantos países da América Latina que passaram por processos semelhantes, por que o senhor escolheu vir pro Brasil?

Padre Ermanno – (*silêncio*) (*o motivo*) maior foi o fato de meu irmão (Padre Lino) já estar aqui. Padre Lino veio no ano de 1970. Eu fui ordenado padre naquele ano. E também porque aqui no Brasil havia outras pessoas da nossa diocese lá da Itália.

Monyse – E o senhor quando veio foi pra Bahia, Santa Maria da Vitória, sertão da Bahia e fica 12 anos lá. Como é que foi o seu trabalho pastoral com as pessoas no interior da Bahia?

Padre Ermanno – Olha, é um período muito bonito pra mim. Foi um período muito bonito, porque no começo foi um dos mais duros porque, queira ou não, você vem da Itália com a cabeça de italiano (*risos*). Não tinha outra cabeça pra tirar um parafuso e... (*risos e gesto de quem troca um parafuso*) Então, você tem é que fazer *toooooo* uma mudança na sua cabeça para, de fato, estar aqui e fazer um trabalho que seja um trabalho que ajude a Igreja e o povo daqui. Na Itália tem cursos para preparar para você mudar, assim, de cabeça, mas tem pessoas que não querem nem fazer o curso. "Ah, é a mesma coisa, pelo amor de Deus". "A mesma coisa o quê? Olhe que lá é Brasil, lá é Argentina, lá é África..." "Não, mas a Igreja é igual no mundo inteiro. A Igreja é universal!" Esse é o palavrão que se usa na Europa para colonizar o mundo. E lá vai esse discurso. Mas a dificuldade é procurar perceber de que jeito você deve se colocar no meio do povo, dentro da sua igreja, e isso você deve mudar de cabeça, não tem jeito.

Monyse – E por que a sua opção pelos pobres?

Padre Ermanno – A minha família sempre foi muito sofrida, meu pai era operário de uma fábrica lá na Itália e, quando eu era estudante já da Teologia, eu fui trabalhar durante as férias na fábrica onde meu pai trabalhava. Ali que eu vi o que significa trabalhar naquela fábrica, uma fábrica metalúrgica de fundição de metal alumínio. E quando eu fui já tinha mudado bastante, era uma coisa bem pesada. E o bairro onde eu morava lá na Itália era nessa cidade, Bolzano (*cidade italiana localizada ao norte de influências austro-húngaras e alemãs*)... Era um bairro desses construídos por Mussolini (*Benito Amilcare Andrea Mussolini, jornalista e político italiano fundador, em 1919, do que anos mais tarde viria a tornar-se o partido Fascista. Governou a Itália entre 1922 a 1943*) quando dizia que lá sempre foi Itália e construiu umas fábricas, construiu uns bairros, jogou lá um monte de gente. Esse bairro era chamado Xangai (*cidade chinesa com mais de 17 mi-*

lhões de habitantes), aí você vê o desprezo. Tinha gente que nunca entrava lá. Mas o que eu acho que me ajudou muito nessa idéia de colocar-se como igreja a serviço dos pobres e etc, foi essa extração social, meu lugar social foi esse e essas leituras que eu fazia, pessoas que conheci, que me ajudaram a entender que isso deve ser – é, de fato – uma ação que vale a pena, que dá sentido não só a minha vida como pessoa, mas também a uma presença como igreja, como grupo organizado. Se não é isso, então vamos tomar uísque na casa lá na Aldeota (*bairro nobre de Fortaleza localizado na zona norte*) e está bom, se pode também (*sorriso irônico*).

Amanda – Desde que o senhor fez a opção pelos pobres, teve algum momento que o senhor achou que essa não fosse uma opção que o senhor devesse seguir ou que a fé do senhor tenha vacilado em algum momento?

Padre Ermanno – Não. (*sorriso*) Não, porque, se você olha na cara as pessoas, você não pode vacilar. (*voz lenta*) Lá em Santa Maria da Vitória com os lavradores, quando você via essas pessoas sofridas, sem terra, que todo ano devem procurar uma terra emprestada do latifundiário... Você vê a casa onde eles moram, você vê as mulheres deles, os filhos, como as pessoas trabalham apesar (*ênfase*) de todas essas dificuldades, gente que se dedica pra comunidade... Ah, não se pode ter dúvidas. E depois, em 1974, chegamos em janeiro, em dezembro tivemos a polícia federal em casa. A gente viu pessoas que sofreram torturas. Esse tipo de contato direto (*tortura*), eu nunca tive.

Em 1977 assassinaram o advogado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais lá de Santa Maria da Vitória. Nosso amigo, 33 anos. Porque ele devia ir como (*se fosse*) amanhã pra Salvador pra depor na CPI (*Comissão Parlamentar de Inquérito*) da grilagem que havia naquele tempo lá na Bahia. Ele se chamava Eugênio Lyra (*morto em setembro de 1977 pelo pistoleiro Wilson Gusmão a mando do fazendeiro Valdely Rios*). (*pausa*) Bom, eu vi ele morto ali na hora que mataram. Um ano antes mataram um trabalhador rural, Sebastião. Um grileiro quis tomar a terra, ele não queria sair e (*o grileiro o*) matou. Quantas vezes a gente viu casas queimadas, etc. Quando você faz um tipo de experiência dessas, você diz: "Bom, de que lado é que eu estou?" Me coloco como a pessoa que fica ali: ah, eu batizo, vou benzer o pessoal, celebro uma missinha e pronto. Não, isso não é brincadeira! Isso não é brincadeira!

Monyse – No caderno Conflitos do Campo de 85 da CPT, consta como ameaçados de morte também o senhor, o seu irmão, Padre Lino Allegri e o Padre Luís Sartorel, também lá em Santa Maria da Vitória. Ameaçados por quem?

Padre Ermanno – Quem ameaçava a gente eram latifundiários, claramente. E nós, uma vez, negamos a missa para um conhecido latifundiário pistoleiro que matou gente (*voz lenta*), foi um dos mandantes da morte do Eugênio Lyra. E ali saiu a fúria dos latifundiários organizados. Essa pessoa com outras pessoas entraram em uma igreja – Santa Maria é dividida em duas partes: tem um rio corrente, que tem Santa Maria e do outro lado São Félix (*São Félix do Coribe, na época, um povoado de Santa Maria da Vitória. A partir de 1989, o po-*



voado emancipou-se) – e entraram lá na capela de São Félix e destruíram imagens, fizeram uma bagunça na igreja, em protesto. Nós fomos ao bispo: (*ele disse*) "Fecha a igreja como um sinal de luto e daqui a um mês abrimos". Nesse período tivemos que sair um tempo. Você se faz um herói e fica lá esperando a bala? Não. Eu sobrevivo a bala e amanhã continuo trabalhando. Nós saímos um período, 15 dias, mais ou menos, depois voltamos, reabrimos a igreja.

Então em 87, quando eu estava na Pastoral da Terra Nacional foi o ano de *maaaais* liderança massacrada. Eu lembro que estava em Goiânia e andava quase só pra enterrar gente. Mas é uma questão que foi ligada sempre à questão da terra, sendo que nós ajudamos os trabalhadores a se organizar na Pastoral da Terra lá, organizamos sindicatos em cada município. Os latifundiários começaram a sentir que havia uma oposição ao roubo de terra que eles faziam. Os sistemas eram violentíssimos! Iam nas casas, atiravam, ameaçavam, de dia, de noite, aí o pessoal saía, ia embora. Ou quando a gente ia num interior, por exemplo, o padre tinha o costume de ir na casa do fazendeiro e de repente, você vai na casa da catequista, da liderança e dorme naquelas casas que acho que aqui cabia quatro (*mede o local com as mãos*). Você sente de dormir lá nessas casinhas de pau a pique (*As paredes são feitas do entrelaçamento de madeiras dando origem a um grande painel perfurado preenchido com barro*) Eles (*latifundiários*) consideravam aquilo uma *aa-froonta*.

Monyse – O senhor tem ligação com a CPT em Santa Maria da Vitória, vai para Goiânia para ser Secretário Nacional e depois aqui no Ceará também é coordenador estadual da CPT. Quando o senhor estava na CPT aqui no Ceará, quais foram os maiores conflitos?

Padre Ermanno – Aqui foram vários os conflitos. Aqui houve um problema muito sério, por exemplo, na barragem do Castanhão (*açude construído em Alto Santo, município da região do baixo Jaguaribe, no Ceará distante 230 km de Fortaleza. A construção do açude, em 2003, inundou a cidade de Jaguaribara e os habitantes foram removidos para Nova Jaguaribara*). Em Iguatu (*município cearense distante 380 km de Fortaleza*) teve outra barragem lá que também criou uma série de conflitos. E aqui havia também conflitos com assalariados rurais. Agora, aqui no Ceará, foi o período que começaram a construir as cisternas de placas (*tipo de reservatório de água cilíndrico que recolhe água da chuva por meio da utilização de calhas de zinco ou PVC*) para recolher água de chuva. Alguém vê essa questão de cisternas de placas só como uma

Amanda ligou para o padre Ermanno para perguntar se ele ainda celebrava missa. Ele respondeu surpreso: – Claro!

No domingo seguinte à reunião de pauta, Amanda, Monyse, Waldênia e Ana Carolina foram assistir a missa que o padre Ermanno celebra na comunidade Pôr-do-sol.

No início da missa, padre Ermanno apresentou as meninas para as pessoas presentes e pediu que as garotas dissessem seu nome.

As meninas gostaram muito da missa, principalmente na hora da paz de Cristo quando o padre Ermanno circulou para falar com todos.

Após a missa, as meninas seguiram para as tapioqueiras do Eusébio para uma sessão de tapioca e confidências sentimentais.

Ao ser perguntado sobre o local de preferência para a entrevista, padre Ermanno preferiu ser entrevistado nas dependências da UFC no bairro do Benfica.

questão de dar a água ao pessoal e, claro, é importante dar água, mas ter uma cisterna significava: eu fico aqui nessa terra. Era uma coisa pequena. Agora, por que os latifundiários que tem o morador não deixava construir essa cisterna de placa? Não deixava porque se você não tem a água, você vem pedir a água pra mim, você depende de mim. Se eu deixo você fazer uma benfeitoria lá é como se eu dissesse: bom, lá é seu, você que faz a benfeitoria tem direito. Latifundiário não deixa a pessoa criar direitos na terra dele, apesar de que existe os direitos segundo a lei. O Ceará não é um dos Estados mais violentos. A Bahia, o Pará eram sempre os Estados mais violentos, às vezes, Goiás. Mas tiveram vários conflitos aqui no Ceará que nós acompanhávamos e também nessa questão de fundação de sindicatos, tem vários.

Camila Queiroz – E depois de todas essas experiências no campo, quando o senhor vem pro Ceará resolve se estabelecer na cidade, na periferia de uma grande cidade como Fortaleza. Por que essa escolha?

Padre Ermanno – Primeiro lugar quando eu vim foi lá no Parque Genibaú (*bairro da zona leste de Fortaleza*). Eu continuei trabalhando na Pastoral da Terra, então, morava aqui, mas muito tempo eu passava no interior, na Pastoral da Terra. Agora, a periferia a gente percebeu que era também uma área de desafios muito fortes, porque na periferia você encontra concentrados os problemas... Às vezes no campo, você tem o problema da terra que é o maior e os outros problemas ficam... Não digo cobertos, mas quase que em segunda linha. A questão da saúde, a questão das escolas, o fato das crianças terem um atendimento também fora da escola, salário. Existe também no interior, mas aqui na cidade, sendo que você não tem como escapar, não tem um lugar pra ir, fica tudo concentrado e estoura tudo em casa. Então, quando nós fomos lá no Parque Genibaú era uma área bem complicada. Além de tudo, quando chovia era um desastre. Pensamos na periferia porque ficamos mais juntos, eu, o padre Lino e o padre Luís, os três, e continuamos um tipo de trabalho, claro que diferente da área de interior, mas o sentido, o espírito, o trabalho foi o mesmo.

Camila Gadelha – Nas suas ações, nos seus

“É aquela velha questão. Não se pode fazer política de esquerda ou política em favor dos oprimidos ou dos pobres, mas as outras políticas pode fazer?”

A equipe de produção passou a fazer marcação cerrada com o servidor do laboratório de rádio, Florêncio, para que ele não esquecesse a entrevista marcada.

Padre Ermanno interrompeu a primeira pergunta para pedir para que todos e todas que estavam presentes no laboratório de rádio se apresentassem.

projetos, o fazer religioso e o político se entrelaçam bastante ao longo da trajetória do senhor. Eu queria saber até que ponto vai esse fazer religioso, essa intenção religiosa e a política, se eles conseguem se separar em algum momento.

Padre Ermanno – Ninguém separa religião e política. Nem aqueles que dizem que não fazem política. Às vezes, quando nós fazemos isso, esse tipo de trabalho, dizem que tem a política no meio. Claro que tem. E você queria o quê? Não deveria ter? O padre que só faz missa fechado na igreja, que não interessa nada que acontece com ninguém, não faz política? Faz política. É uma posição política essa. É terrível a posição de quem deixa morrer o pessoal lá fora, mas ele celebra sua missa, não se interessa pelo que acontece lá fora. Quer dizer, é aquela famosa questão: não se pode fazer política de esquerda ou política em favor dos oprimidos ou dos pobres, mas as outras políticas pode fazer? Então, nesse sentido, eu sempre digo uma coisa: você faz política? Claro que eu faço. Não sou inscrito em nenhum partido, sinceramente, não me interessa. Me interessa alguns partidos, sim, tenho mais simpatia, sim, claro e prefiro alguns a outros, é claro.

Agora, o fato de dizer que essa atividade (*a da Igreja*) é também uma atividade política, mas isso é evidente. A condenação de Jesus Cristo é política. “Esse cara disse que é o Rei dos Judeus”. Quer dizer, quem colocou isso na cruz de Jesus Cristo entendeu muito bem a questão. Não é que é uma acusação errada, ele queria ser não só o Rei dos Judeus, mas ele disse: “Eu sou Rei, eu sou o Rei”. Agora, um Rei que não vem mandar e desmandar, um rei que lava os pés dos seus apóstolos. Se trata só de ver que enfoque você dá a atividade que você está cumprindo. Se é um enfoque de política no sentido, vamos chamar assim, tradicional, de dominação, etc, ou se é um tipo de política que te coloca em contraste, em choque, muitas vezes, com um tipo de situação, com um tipo de pessoa, claramente. Isso é, eu não tenho nenhum receio de dizer que sim. O fato que eu trabalhava com lavradores é uma escolha política também. Também quem não trabalhava com lavradores fazia sua escolha política. Quando você vai na casa do latifundiário, que ele vem te pegar na cidade, te leva de avião na fazenda dele pra fazer o casamento do filho dele, essa não é atividade política, não é escolha política? É sim!

Amanda – Com todo o envolvimento que o trabalho pastoral traz... Aqui em Fortaleza, o senhor vai para o Genibaú, passa 10 anos no Genibaú. Depois vai para o Tancredo Neves (*bairro da Zona Leste de Fortaleza*) e agora está no Parque Santa Rosa (*bairro da Zona Sudeste de Fortaleza*), na comunidade Pôr-do-Sol. A gente esteve no Genibaú e viu que na Associação Dom Helder Câmara (*Bispo fortalezense falecido em 1999, arcebispo emérito de Olinda e Recife. Foi um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e grande defensor dos direitos humanos durante o regime militar brasileiro*) tem lá o trem do Genibaú e cada vagão é um ano e cada ano mostra as ações que aconteceram no ano. E eu queria saber, com todo esse envolvimento, como se dá, para o senhor, Ermanno, essa questão de mudar de comunidade, mudar de trabalho, esse desenlace com a comunidade?

Padre Ermanno – É um pouco difícil, sabe?

Quando você sai de uma comunidade onde você trabalha 8, 10 anos, você estabelece também uma relação de nível pessoal com as pessoas, não tem como. Se você não consegue fazer isso é que passou lá assim, quase por acaso. Você estabelece uma relação afetiva, uma relação de amizade. Você vê as pessoas que acreditam num tipo de trabalho, que desenvolvem atividades juntos. É um momento de dificuldade! E quando você entra numa comunidade nova, no começo, como nós fomos lá no Tancredo Neves, eu lembro que a gente escutava muito, participava das reuniões, a gente quase não falava. (*risos*). Eu acho que a primeira coisa (*a fazer*) é procurar entender a situação da comunidade. Agora, por exemplo, eu estou no Santa Rosa e no Pôr-do-Sol, mas eu não dou idéias de iniciativas lá porque eu quero ver primeiro o que já estão fazendo procurando valorizar qualquer coisa que façam porque eu posso até não compartilhar, mas eu devo saber respeitar. Então, começar um trabalho numa área nova para mim cria sempre uma certa dificuldade porque te deixa num tempo quase de impressão de ser inútil, no sentido de que você não toma iniciativa, você não fala. Claro, quando eu faço uma pregação eu falo. Nas reuniões eu participo, mas sempre procurando primeiro perceber bem qual é a realidade.

Thiberio – E quando o senhor deixa as comunidades, como foi o Genibaú, existe uma preocupação de como é que essa comunidade vai caminhar?

Padre Ermanno – Ai depende sempre, muito, do padre que vem depois. Quando a gente sai, é muito perigoso interferir depois, é perigoso criar partidos. Se eu encontro a pessoa que me conta como é, eu falo, digo meu parecer, mas eu acho que o importante, o que tinha valor que as pessoas perceberam como valor quando você fez aquele trabalho, isso vai continuar. Não do mesmo jeito. As pessoas, às vezes, devem inventar um jeito diferente para continuar uma atividade, mas eu acredito que o que fica mesmo é alguma coisa profunda, não só nas pessoas, mas também nas relações que você estabelece.

Thiberio – Durante seus trabalhos no Genibaú foi criado um jornal – acho que o jornal do bairro (*jornal Interativo*). Essa ligação sua com o Jornalismo, como é que surge?

Padre Ermanno – Esses dias, sabe, eu tava pensando uma coisa: quando eu tinha 8, 9 anos eu comecei com os dois dedos na máquina de escrever

(*mostra os dedos que usava para datilografar*). Mas depois também, quando eu estava estudando no seminário lá, também tinha um jornal que a gente trabalhava. Bem, não sei. No Genibaú, nós tentamos, também no Tancredo Neves, só que depois o pessoal não conseguia. Mas também talvez a questão de comunicar, falar com as pessoas. Olha, você consegue falar com um certo número. Agora quando você faz um tipo de jornalzinho você chega àquelas pessoas que você nunca encontra. Porque tem uns tipos de pessoas que não participam nem de igreja, nem de sindicatos, nem de partido, nem de organização de bairro, nem de associação de nada – que é a maioria das pessoas. – A gente, às vezes, se ilude que temos bons sindicatos, que temos boas comunidades eclesiais de base, mas a maioria das pessoas não participa de nada. Então, acredito que temos que inventar um jeito de aproximá-los. Porque estas pessoas vão dizer: “O voto deles (*das pessoas*) vale tanto quanto o voto do Lula?” Qualquer voto é igual, pra dizer uma questão pequena que é o voto. Mas tem o voto pra dizer (*que*) você participa da sociedade, levando para sociedade a sua maneira de enxergar a sociedade. Por exemplo, agora com a Adital (*Agência de Notícias Frei Tito para América Latina e Caribe*) a gente está querendo ver se consegue uma certa verba pra falar da questão do feminicídio que é uma questão muito séria aqui no Ceará. Inclusive tem quase 50 mulheres só este ano assassinadas com características de feminicídio. A cultura machista é uma desgraça! É uma cultura assassina! Como é que eu mudo isso? Não é só com a minha pregação na igreja ou com o sindicato, porque 90% das pessoas não são tocados por esse discurso. Ou você encontra um jeito pra chegar a essas pessoas, senão meu amigo, essa cultura... Pra dar um exemplo, a cultura machista, ou o jeito de entender a política... Nós podemos pensar a política nova, mais humana, mais comprometida, mas a maioria (*das pessoas*) quando está na hora vai ao vereador: “Escuta, me dá 500 telhas pra minha casa que eu voto pra você.”

Monyse – Só voltando um pouquinho... Quando a gente falou com o padre Lino e o padre Luís eles colocaram que uma das questões que também motivaram mais a vir pra Fortaleza era a presença aqui do Dom Aloísio Loscheider (*Cardeal brasileiro, ex-presidente da CNBB, arcebispo de Fortaleza. Foi secretário-geral e presidente do CELAM*) e eu queria saber do senhor o que o Dom Aloísio tinha de diferente dos outros bispos.

Com as cadeiras do laboratório montamos um círculo. Logo no início da entrevista Ana Carolina percebeu que ao menor movimento sua cadeira fazia terríveis rangidos.

Como todas as cadeiras vagas foram tiradas do laboratório antes da entrevista começar ela teve que agüentar quase duas horas e meia de entrevista quase imóvel.



A melhor cadeira do estúdio foi separada para o entrevistado. Padre Ermanno iniciou a entrevista sentado da maneira mais correta na cadeira.

Ao final da entrevista, padre Ermanno parecia estar bem à vontade. Ele parecia ter “escorregado” na cadeira durante a entrevista.

Com aproximadamente duas horas de entrevista houve um silêncio de três segundos que foram suficientes para padre Ermanno perguntar: – Vocês estão cansados?

No final da entrevista um grupo de estudantes conversava do lado de fora do laboratório, provocando bastante barulho.

Padre Ermanno – (*suspiro*) Era gente! (*suspiro*) Uma vez eu lembro, estava falando com o Dom Aloísio, tinha uma irmã que era coordenadora lá de uma pastoral e Dom Aloísio disse uma coisa: “Eu não sei por que as pessoas me procuram tanto, querem até bater retrato comigo. O que eles vêm na minha pessoa? Ao final das contas eu só procuro ser uma pessoa humana”. Quando ele falou essa frase, eu disse: “Dom Aloísio, você acha que isso é pouco?” Quando eu estudava, o nosso diretor do seminário da Teologia dizia que antes de ser padre você tem que ser gente, deve ser uma pessoa humana. Segunda coisa (*é*) procurar ser cristão e, depois, se quiser, pode ser padre. Tem gente que você encontra que você diz: esse não é gente! (*risos*) Uma das coisas pra mim que foi fundamental é que ele (*Dom Aloísio*) confiava nas pessoas. Eu lembro quando fui falar com ele da primeira vez quando a gente começou a fazer a Anote (*Agência de Notícias Esperança, ONG criada em 1996 por um conjunto de pastorais sociais*) – vocês sabem que é a agência que existiu antes da Adital – quando eu falei pra ele, pensei que ele dissesse não sei o quê... Ele falou: “Você sabe o que quer?” É isso que eu falei. “Então vai e trabalha. Pronto.”

Waldenia – O Senhor falou agora há pouco da importância da comunicação, de comunicar algo a alguém. Quando o senhor participa da criação da Anote, da Adital, quais eram as intenções? De comunicar o quê para quem?

Padre Ermanno – Olha, (*pensativo*) eu comecei a pensar em uma agência de notícias quando eu estava na Pastoral da Terra em Goiânia, na coordenação nacional. Por quê? Sabe, era tanta coisa boa que a gente fazia, a gente naquele tempo tinha um grupo em nível nacional, sobre essa questão da Reforma Agrária, a gente encontrava sindicatos, era tanta coisa boa! E ao mesmo tempo tanta coisa ruim que acontecia, mas...(*suspiro*) Quem falava? Jornal, televisão, rádio, absolutamente nada. Então, lá em Goiânia saiu essa idéia: por que nós não temos – como pastorais, como movimentos sociais, como movimentos populares – um canal permanente de comunicação com essa imprensa? Queira ou não, o jornal pode ser uma porcaria, mas o pessoal lê, fazer o quê? Vai dizer: ninguém compre mais O Popular, ninguém compre mais O Diário, não compre

“Quando eu estudava, o nosso diretor do seminário da Teologia dizia que antes de ser padre você tem que ser gente, deve ser uma pessoa humana. Tem gente que você encontra que você diz: esse não é gente.”

Padre Ermanno bateu algumas vezes na mesa onde estavam os gravadores, o que, juntamente com o sotaque dele, dificultou o processo de transcrição da entrevista.

Ronaldo Salgado interferiu na entrevista para dar uma informação. A interferência e seus sorrisos em alguns momentos causaram surpresa em alguns estudantes.

mais O Povo que são porcarias. Não. O pessoal lê. Então, vamos fazer uma chamada agência de notícias, por quê? Porque você dá ao pessoal as matérias, você dá a sugestão, a pauta.

Quando eu cheguei de Goiânia, eu comecei a trabalhar com as pastorais sociais. Tasso Jereissati (*Tasso Ribeiro Jereissati, senador desde 2002 pelo Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB. Foi governador do Ceará de 1987 a 1991 e de 1995 a 2002*) governador e o Ceará era o melhor Estado do Brasil. Ninguém passava (*tão*) bem, vivia (*tão*) tranqüilo e sossegado como no Ceará. Essa era a propaganda que passava. Então, eu decidi fazer um documento com as pastorais sociais. Vamos fazer um documento para dizer a verdade sobre o Ceará. Quando a gente sentou, ninguém tinha material na mão, ninguém tinha estatística, das crianças, desemprego, da terra – a terra era a única que tinha material mais certo.

Então, nessa conversa toda foi que nasceu a idéia da agência de notícias. Por quê? A finalidade, qual era? A primeira agência nós chamamos Anote – Agência de notícias Esperança. Por quê? Porque se você olha a TV, uma reportagem de polícia, o repórter corre atrás da polícia, com o fôlego assim (*demonstra*), (*diz*:) “Escutei um tiro, ah, espera aí, teve um morto, ah, aqui está cheio de sangue.” Peraí! Você fica em casa, não sai mais de casa. A informação deve criar uma possibilidade de convivência, não pode ser uma informação tão falsa que você fique em casa escondido. Agência de Notícias Esperança porque nós queríamos comunicar um monte de coisas boas que nós estávamos fazendo: movimentos sociais, iniciativas de periferia, alfabetização, tanta coisa. Por que a gente não fala isso? Quer dizer, nós estamos tão acostumados que as nossas iniciativas não vão para o jornal, para a televisão que nem pensamos que isso seja uma notícia.

A Anote chegou a ser primeira página, capa de jornal aqui em Fortaleza, nós chegamos com a jornalista da TV Globo (*rede de televisão fundada em 1965 por Roberto Marinho. É a maior de toda a América Latina e a quarta maior do mundo*) no noticiário da Globo com a Anote. Aquilo que nós fazemos nós devemos comunicar e (*quanto*) mais amplo é o leque dessa comunicação melhor, mais gente escuta, mais gente lê, então por que agência de notícias? Porque na Agência você não cria um jornal pra 30.000 mil pessoas, você vai nas 30.000 pessoas aqui, 20.000, aí mais 50.000 lá, 200 no boletim, 7.000 lá na rádio. É uma safadeza em certo sentido (*risos*), porque você não vai se preocupar em fazer o jornal, mas se você faz jornal, opa, aqui, te dou notícia. Se você sabe ou não fazer o jornal ou não, problema seu. Rádio a mesma coisa, televisão a mesma coisa. Você aproveita os meios de comunicação para que tudo que você quer comunicar chegue, de fato, a mais gente possível.

Quando foi pensada a questão da Adital, praticamente, foi a mesma idéia. Tanto é verdade que o pessoal que veio da Itália com uma proposta pra financiar isso, no começo nós rejeitamos, eu digo nós porque fizeram a proposta ao Frei Betto (*Carlos Alberto Libânio Christo, escritor e religioso brasileiro, adepto da Teologia da Libertação. Entrevistado na Entrevista n° 13*). O Frei Betto me chamou: “Ô

Ermanno, tem essa proposta aqui, o que que você acha?" Aí eu disse: 'o que que você acha não, com quantos zeros escreve isso?' Você me telefona e diz: 'Faz uma agência de notícias...'" O Pessoal veio da Itália, sentamos, conversamos, eles queriam uma agência de notícias com notícias só de Igreja, Igreja de esquerda porque tem umas exigências lá... Eu disse: "Não, não vou fazer Agência de Igreja não, aqui a gente está acostumado a trabalhar com o pessoal todo, com sindicatos, com sociedade civil. Ou vocês financiam a agência e nós vamos fazer a agência ou senão..." O primeiro dia de conversa foi zero, depois foi que o empresário entendeu: "Bom, isso aqui eu quero." A finalidade era a mesma só que com uma base de América Latina. Na América Latina tem quantas iniciativas boas que precisam ser mostradas? Milhões! (*ênfase*). Mas quando eu comecei sabe, uma agência começando do zero, sabe o que é zero né? Zero, zero é zero né? Pronto, eu sento aqui e vamos começar a fazer uma agência de notícias (*risadas da turma*) Você começa a pegar uma pessoa e outra e como é que vamos fazer? E foi juntando interesses... O Grito dos Excluídos, eu telefono para o Luís Basseggio (*Secretário do Grito dos Excluídos Continental*): "Ô, Luís aqui temos essa idéia assim..." "Ah, que idéia boa". "Escuta, você tem endereços da América Latina?" "Ah, eu te mando uns 500." A cacetada, 500 e tantos endereços. Eu vou a Brasília, num grupo lá dos Direitos Humanos com trabalho em nível nacional: "Vocês fizeram um encontro a nível de América Latina?" "Todo ano fazemos". "Me passam os endereços?" "Pra quê?" "Pra isso e isso..." "Ah, sim." (*ele dá*) 500 endereços de Direitos Humanos. Mesma coisa no grupo de mulheres...

Quer dizer, você junta tudo isso e a finalidade qual é? Eu descobri no Fórum Social Mundial que estamos construindo com meios diferentes a mesma coisa. Nós queríamos uma informação que fosse real, que falasse dos problemas, mas não só o que o Bispo, o presidente, o deputado, o delegado pensam daquele problema, mas o que pensam aqueles que estão dentro do problema, que estão agindo: os movimentos sociais, as mulheres, os indígenas, homossexuais, pescadores, trabalhadores rurais... Esses que estão lá, o que que eles escrevem, o que estão fazendo, o que pensam?

Waldenia – Nós lemos no material da produção que o senhor não concorda com o termo comunicação alternativa. Por quê?

Padre Ermanno – Porque se usou muito esse termo no sentido... Não sei se *desprezativo*, mas depreciativo sim. Bom, comunicação alternativa o que era? Um grupinho meio doido que quer dizer as coisas... Que maravilha, né? Só que ele fala mal, faz um boletim num mimeógrafo (*instrumento utilizado para fazer cópias de papel escrito em grande escala*) cheio de mancha com as páginas, as linhas tortas, assim, na página, uma coisa meio mal feita, com muitos erros de português porque não são profissionais. Então, a palavra imprensa alternativa, comunicação alternativa tem um pouco disso porque de fato começou assim, fazer o quê? O pessoal não sabia. Quem sabia não fazia isso, quem não sabia a técnica, mas tinha conteúdo, tentou fazer alguma coisa. Nós preferimos chamar de imprensa livre ou de comunicação independente para dar uma

outra caracterização. O conteúdo é bem diferente, podemos dizer que o conteúdo é alternativo. Uma das coisas que mais o pessoal fala quando descobre a Adital: "Só na Adital que podemos ver essas coisas". E é verdade. Se segurem porque se este ano conseguirmos, se der certo umas coisas que temos na cabeça vai sair melhor ainda.

Camila Queiroz – No material que a produção apurou, a gente viu que o senhor foi definido como uma pessoa de muita retidão moral, muita esperança, delicadeza e também que é uma pessoa muito perseverante, de botar uma idéia na cabeça e ir atrás. Então, como o senhor se definiria?

Padre Ermanno – Eu gostei dessa firmeza. Cabeça-dura – (*risos, bate na mesa*) é outro jeito de dizer a mesma coisa. Eu acho, sabe, que se você, não sei como dizer (*pausa*)... Se você olha a realidade, você pode cair no desespero, você dá um tiro. Tenho um amigo que se enforcou lá na Itália, eu acredito que ele chegou ao desespero porque ele trabalhava em um grupo da comunidade europeia lá na Iugoslávia. Toda aquela loucura que aconteceu, eu acho que ele... Eu digo uma frase: "Ele viu o Satanás nos olhos." Porque a maldade, a crueldade que aconteceu lá na Iugoslávia nem Deus deve saber porque é uma coisa de louco. Você pode chegar a um certo ponto que você perde a esperança, você diz: "Não a humanidade não tem jeito, é ruim demais."

Um dos medos que eu tenho agora é esse negócio do tráfico e feminicídio, também são dois assuntos que... Você começa a escutar histórias que você vê realidades ... Vou dizer uma coisa: se você vai no México e num fim de semana vai lá na cidade de Juarez (*cidade do Estado de Guerrero, sudoeste do país. A principal fonte de renda do Estado é o turismo*) quer se divertir com os amigos, você pode encomendar uma mulher ou duas, que eles te entregam e você pode assassinar, violentar, esquartejar e fazer o que quiser por divertimento! Isso que acontece... (*bate na mesa*) Então, você diz: diante dessa realidade, o que eu faço? Eu posso perder a coragem, estar desencorajado, chateado, eu não faço mais nada, eu não tenho mais coragem de fazer nada. Agora, essa é uma atitude minha e se assim está bom pra mim pronto, pronto. Bom, estou desesperado, fico em casa. Mas e a realidade, essa realidade muda ou fica a mesma ou fica pior porque você também caiu fora?

Quando eu falo de esperança – por isso é que chamamos a Anote de Agência de Notícias Esperança – quando eu falo de esperança eu digo sempre uma coisa e isso eu coloco nos projetos que fazemos, o de feminicídio e o de tráfico de pessoas. A Adital faz denúncias? Faz, agora o que interessa mais é apresentar o que a sociedade está inventando, o que nós estamos criando de soluções. Os grupos que eu encontrei agora que trabalham com o tráfico, o que eu sempre insisto: vocês me mandem as denúncias sim. Uma irmã que me mandou agora um email outro dia, tem uma mulher na Tunísia na África, que foi traficada e devia ser expulsa porque ela estava lá ilegal, a mulher se enforcou, não queria voltar de onde ela veio. Então eu digo: essas denúncias são importantes sim porque, às vezes, histórias desse tipo chocam. Chocam num sentido bom porque você percebe o que significa esse tipo

Já no final da entrevista uma das luzes dentro do laboratório de rádio começou a acender e apagar seguidas vezes desviando a atenção de algumas pessoas.

O estudante Arihel Marreiro foi convidado pela equipe de produção para fotografar a entrevista. Ele aceitou e disse que ficaria somente vinte minutos.

Arihel permaneceu durante toda a entrevista e ao final veio agradecer à produção por ter sido convidado, pois havia achado a entrevista muito emocionante.

Durante a decupagem as meninas da produção tiveram problemas com computadores quebrados, falta de internet e divisão do computador com familiares.

Durante o processo de referenciar as fontes citadas pelo entrevistado a integrante da produção Camila Gadelha queria referenciar até Jesus Cristo!

Foi preciso clamores da produção e que a Ana Carolina observasse: – Se quem estiver lendo não souber quem é Jesus Cristo também não vai saber o que é um padre!

de vida.

Em Roma encontrei a Denisse. Denisse é uma transexual, mulher agora, mas ela é professora da Universidade, ela é brasileira e está lá há uns 15, 20 anos, mas uma pessoa, sabe... Ela vai atrás de todo nordestino transexual para começar a trabalhar com essas pessoas. Isso que eu quero publicar porque isso mostra à sociedade que se existe a maldade, existe também tanta gente boa que trabalha. Eu sempre digo: quando eu vou nesses encontros aí, o que me impressiona é isso, que tem milhões de pessoas que trabalham bem, então, se nós queremos encontrar uma solução... E olha, criar esperança é um ato revolucionário, porque a vontade da Globo, a vontade desses jornais aí, é criar sempre mais desespero para que as pessoas não vejam nenhuma saída. Se você não tem esperança, não vê nenhuma saída, você se acomoda e claro que eles podem fazer o que eles querem, continuar. Eu digo às vezes que, nesse caso, o governo Lula foi na frente de certos movimentos sociais. Então, sabe, pessoalmente acredito que ter esperança e ter *(batida na mesa)* cabeça dura... *(seriam as qualidades que o definiriam)*

A Adital ia fechar, o dinheiro que a gente recebia desse pessoal que começou a financiar a Adital, esse dinheiro parou, sumiu. Por quê? Porque a fundação foi à falência, a fundação que financiava e que deveria financiar 8 ou 10 anos, eles disseram: “Nós garantimos dinheiro pra oito anos, pelo menos, talvez até 10 para vocês terem capacidade de andarem com suas pernas.” Bom, tava tranquilo e, de repente, no terceiro ano some o dinheiro, o que vamos fazer? Vamos fechar. A gente percebeu, apesar de não ser tão desenvolvida no começo como é agora, a gente percebeu o poder que tinha de conscientização, de criar um fato novo na sociedade; então continuamos, mas por um ano lá dentro todo mundo não trabalhou com 1000 reais de salário, com menos disso, mas se você acredita, você procura um jeito de levar a coisa. Agora espero que neste ano se chegue não só a sobreviver como fizemos até o ano passado, mas se tivesse a possibilidade de deslanchar um pouco pra colocar uma página mais bonita, mais atrativa, ter pessoas que ajudem a espalhar informação desse site. Bom, isso a gente faz porque acredita nos elementos que exibem esse conteúdo que a gente divulga.

Monyse – Tem uma frase do Dom Pedro Casál-

**“E olha, criar
esperança é um ato
revolucionário, porque
a vontade da Globo, a
vontade desses jornais
aí, é criar sempre mais
desespero para que
as pessoas não vejam
nenhuma saída.”**

Na busca pelas referências, Amanda ligou para o cantor Zé Vicente, citado por padre Ermanno, para indagar se a música “Seu nome é Jesus Cristo” era de sua autoria.

daglia *(bispo espanhol que mudou-se em 1968 para a Amazônia. Adepto da Teologia da Libertação)* em alguns escritos que ele fala que “às vezes a Igreja dói na gente como uma ferida ou um parto.” Essa Igreja já doeu no Senhor?

Padre Ermanno – *(risos)* E como! Até agora, quem me negou uma carta de apoio para os projetos, a única entidade que me negou uma carta de apoio foi a Igreja. Por quê? Porque disseram que nós na Adital falávamos mal do Papa *(Bento VI)* quando foi eleito e porque estávamos a favor do aborto. *(pausa)* Sinceramente, quem fala isso, primeiro não lê a Adital, segundo, não sabe o que significa ser a favor ou contra o Papa e não sabe o que significa ser a favor ou contra o aborto. Por quê? Primeira coisa: João Paulo II disse que tem que mudar o jeito do Papa exercer o seu trabalho. Se ele falou, por que eu não posso falar? Ou é só ele que pode falar? Agora, sobre a questão do aborto, escutem uma coisa: ou nós debatemos ou nós achamos que alguém teve que dizer pra morrer e acabou a conversa. Esse alguém, naturalmente, deve ser a hierarquia da Igreja. Estão pensando que nós vivemos ainda na Idade Média que quando o papa, o bispo, o padre falavam todo mundo aceitava e acabou a conversa? Inclusive, *(ênfase)* se você começa a aprofundar um pouco essa questão, aí você já erra, você já é um padre que não presta mais pra isso, não. Peraí! Eu tenho a minha posição pessoal, dentro de uma agência eu tenho uma posição, eu quero que se debata, às vezes eu briguei pra publicar certos artigos lá dentro e dizer: isso sai. Por que? Porque esse cara que é o chefe de um movimento contra o aborto, ele escreveu isso e eu acho o artigo mal-feito que foi isso, isso e isso... Mas eu quero que seja publicado. Eu quero que seja publicada essa análise que outra pessoa faz, porque exatamente ao leitor você tem que dar os elementos *(para)* o leitor pensar, não pode dizer a favor ou contra porque fulano falou, porque isso, porque aquilo...

Waldenia – Qual é a sua posição em relação ao aborto?

Padre Ermanno – Eu sou radicalmente contra. A palavra radicalmente pra mim significa uma coisa. Não concordo com quem acha que o aborto é como trocar a camisa... Posso trocar a camisa e pronto. Agora, sobre essa questão vamos falar muito sério. Por quê? Em primeiro lugar, estamos falando de vidas humanas, vida humana da mulher que em determinadas condições eu acho que tem todo o direito de decidir, até eu posso dizer que não estou de acordo com o aborto, mas eu acho que, em certas condições, ela que tem que decidir. Por que? Uma mulher pode ter uma personalidade forte e dizer: “Eu aguento até isso, posso levar ao fim.” Outra pessoa fica louca! Acaba com a vida dela! É a mesma situação do chamado aborto terapêutico que você diz: “Ou eu tomo remédio pra sarar ou eu morro, se eu tomar esse remédio interrompe a maternidade ou então morre os dois.” Faz o quê, morre os dois? Tenha paciência! Então na Igreja nem isso se discute.

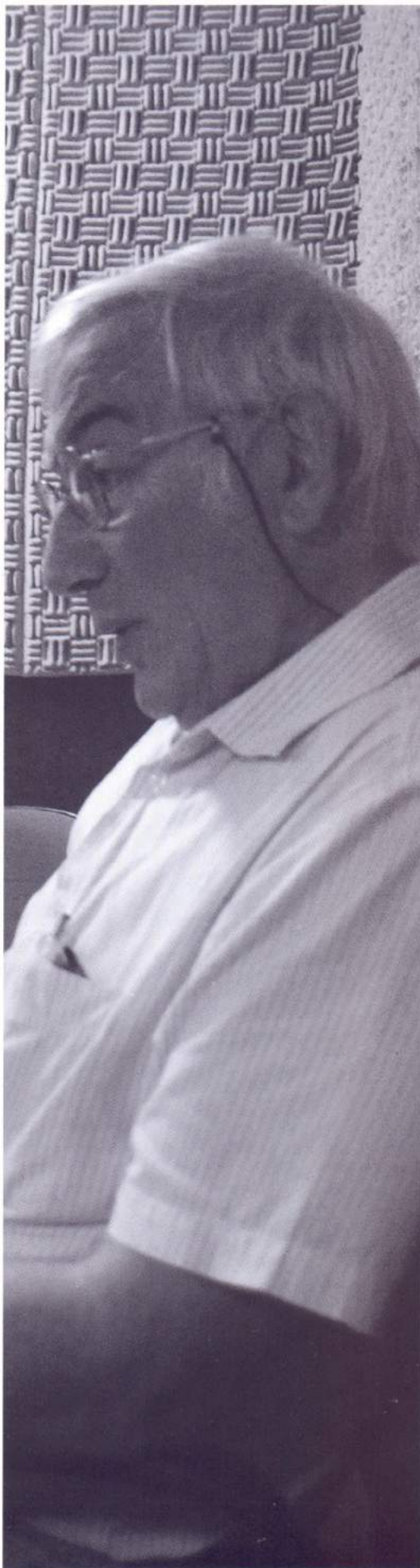
Agora diante da posição... Por exemplo, na Espanha agora saiu uma lei que baixou a idade para abortar, então nasceu uma grande bagunça, não só pelas posições oficiais da Igreja, mas também por

outros que concordam, mas dizem: “O que estamos fazendo? Estamos ensinando às nossas adolescentes, às nossas meninas a abortar?” Uma lei – que eu acho que o Estado deve (*ênfase*) legislar sobre isso porque tem o dever – deve também ter todas as possibilidades, no caso de ser a favor ou contra, de ajudar o cidadão a refletir, a pensar com a vida na frente, quer da criança, quer da mulher. Fazer isso é a coisa mais complicada. Só debater esse problema sabe... Se você debatesse comigo eu estou certo que nasceria um debate forte porque... Poxa vida, é a vida das pessoas! Agora, que a gente coloque as mulheres naquela situação... Inclusive, nunca se fala dos homens. Isso me dá uma raiva! Porque sempre se fala da mulher... E o homem, por acaso, não teve nenhuma colaboração aí? (*risos*)

Esse bispo que excomungou o pessoal é louco. Ainda bem que depois saiu um documento de um bispo lá de Roma que disse pra ele (*para o bispo*) que deveria calar a boca. (*refere-se ao caso de uma menina de 9 anos que ficou grávida de gêmeos após ser violentada pelo padrasto, em Recife, e que, por autorização da mãe, recebeu no dia 3 de março de 2009, 3 doses de um medicamento para interromper a gravidez. Os médicos atestaram que a menina não tinha estrutura física nem psicológica para suportar uma gravidez. O bispo de Recife e Olinda, dom José Cardoso Sobrinho excomungou a mãe da criança e os médicos que realizaram o procedimento*)

Camila Gadelha – Nós temos uma última pergunta pra encerrar. O senhor citou o Dom Aloísio (*Lorscheider*) e ele disse que só procurava ser humano. Eu queria saber o que, pro senhor, é ser humano?

Padre Ermanno – Ser humano significa ter uma capacidade de você ter uma atitude em relação aos outros. Eu nunca vi Dom Aloísio bater um murro na mesa e dizer: “Aqui o Bispo sou eu”. Ele debate, conversa, depois deixa as pessoas também decidirem. Então ser humano significa se colocar dentro de uma convivência, significa se colocar como um entre os outros. Então, ser humano significa um pouco, eu diria, (*ser*) um tijolo para a construção dessa sociedade que a gente falou antes, pode ser Reino de Deus, pode ser sociedade igualitária, podemos chamar como queremos, o nome pode ser diferente, mas se você não tem essas pessoas que são humanas e ajudam a sociedade a se humanizar você tem conflito, tem ódio e toda aquela porcaria que a gente conhece. Quando Dom Aloísio falou essa frase, por isso eu disse pra ele: “O senhor acha que é pouco?”



Para o processo de edição final a equipe de produção contou com a solidariedade da Samáisa, que não participou da entrevista, mas emprestou a casa e o computador.

A edição final foi realizada em um dia de domingo regado por um almoço super saudável que tinha no cardápio pizza, refrigerante e biscoito recheado.